

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

VOLUME XXVI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1987

JOÃO G. LÁZARO FARIA

Director do Museu de Alcácer do Sal

MARISOL A. FERREIRA

Lic. em História/Arqueologia, pela Faculdade de Letras de Coimbra

A. M. DÍAS DIOGO

Assistente da Universidade Nova de Lisboa

#### MARCAS DA TERRA SIGILLATA DE ALCÁCER DO SAL

Conimbriga, XXVI (1987), p. 61-76

RESUMO: Os autores publicam trinta e nove marcas de *sigillata* inéditas, provenientes de Alcácer do Sal, que confirmam a excepcionalidade da sua importação em relação ao normal para o território português.

SUMMARY: The AA. publish thirty-nine more sigillata stamps from Alcácer do Sal. The exceptionality of the imports is confirmed.

(Página deixada propositadamente em branco)

## MARCAS DE TERRA SIGILLATA DE ALCÁCER DO SAL

O presente estudo integra-se no conjunto de trabalhos que temos vindo a realizar sobre o material inédito das colecções do Museu Municipal de Alcácer do Sal. São estudadas 39 novas marcas provenientes de vários locais da povoação (\*) e revistas duas anteriormente publicadas (2).

O número de marcas conhecidas de Alcácer fica, assim, elevado para 97, uma amostragem muito significativa, que confirma a excepcionalidade das importações de sigillata em relação ao normal para o território português e as conclusões tiradas em trabalhos anteriores (3).

Presentemente, Alcácer tem 69% de marcas itálicas (67), 18,5% de marcas sudgálicas (18) e 12,3% de marcas hispânicas (12). Embora também aqui contabilizada como sudgálica, a marca de *M. VALERIVS* deverá ser itálica (4). O ponto mais alto das importações atinge-se na última década do séc. I a. C., com 17,9% das marcas itálicas claramente dessa época, 16,4% datáveis de 10 a. C. a 10/15 d. G. e 28,4% genericamente atribuídas à época

(0 Entre os quais se encontra o depósito de água do Castelo. Estas marcas deveriam ter sido publicadas por F. DIAS, no seu estudo sobre as marcas de sigillata de Alcácer. Infelizmente, era política do então responsável pelo Museu manter material fora do alcance dos investigadores.

I (2) *HERMEROS*, n.º 22 do Quadro Geral, que A. ALARCÃO atribuiu a *HERMIAS + EROS*, 1971, 16, e *L. VRRANVS*, n.º 62 do Quadro Geral, que a mesma investigadora atribuiu, interrogando-a, a *MVRRANVS*, 1971, 33.

(3) Veja-se D. DIAGO, 1980, b, c, 1982, 1984.

(4) Publicada por F. DIAS, 1978, 6, que segue a atribuição de OXÉ-COMFORT 2223, 15. A marca tem, no entanto, uma epigrafia itálica e C. BÉMONT, 1975, p. 151, considera-a itálica.

de Augusto. Dos finais de Augusto-Tibério, apenas são 30% das marcas. De notar ainda a existência de quatro marcas radiais e três tardo-itálicas, demonstrando estas últimas uma persistência de circuitos comerciais que, no que respeita a marcas, apenas ainda se encontra atestado para Alcácer.

A proveniência do material itálico é variada, com uma natural predominância de Arezzo (74,2%); Roma e Itália Central contam com 13,6%, Puzzoles com 7,6% e apenas duas e uma marcas são atribuíveis, respectivamente, a Pisa e Luna.

As marcas sudgálicas surgem-nos como um conjunto de origem homogénea, sobretudo graças à sua menor importância relativa. Esta cerâmica deverá ser, na totalidade, proveniente de La Graufesenque, e atinge o seu apogeu de importação com Cláudio-Nero, após o que deixa de ser significativa.

Quanto à sigillata hispânica, as doze marcas aparecem-nos repartidas por apenas oito oleiros; também toda ela deverá ser proveniente de apenas um centro produtor, Tricio, e datada sobretudo da 2.<sup>a</sup> metade do séc. I.



Foto 1. — Localização dos achados das marcas

## CATÁLOGO

1. SEX.ANNI em cartela rectangular alta, de ângulos arredondados, com moldura de ramagens, deficientemente impressa na parte superior (7X17 mm).  
Fragmento de fundo de prato, espessura 4,5 mm. Duas ranhuras circulares no fundo interno, de 21 e 23 mm. de diâmetro.  
«Verniz» alaranjado, fino e brilhante, superfície exterior com muitas ranhuras circulares. Pasta rosa-clara, muito fina.  
Proveniente de São Francisco (6). N.º de inv. do Museu 2605.  
Trata-se de uma marca de *SEXTVS ANNIVS AFER*, de Arezzo, que possivelmente trabalhou entre os anos 10 a.C. e 10. Em Portugal apenas era conhecido por outra marca, também de Alcácer.
  
2. CN.ATE em cartela rectangular alta, ou elíptica, deficientemente impressa nos lados (alt. 6 mm).  
Fragmento de fundo de taça, espessura 4,5 mm. Ranhura circular de 23 mm. de diâmetro no fundo interno.  
«Verniz» laranja-avermelhado, fino, homogéneo e baço, fundo externo parcialmente não envernizado. Pasta bege-rosada, com muito pequenas partículas de calcite e pequenas fendas.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1878.  
*Cn. ATEIVS*, de Arezzo, produziu entre 15/10 a.C. e 20 é o oleiro itálico mais bem representado em território português.
  
3. ATEI em *planta pedis* à direita, letras de muito pequeno relevo (4,5X12 mm).  
Fragmento de fundo e pé de pequena taça. Pé triangular, de 38 mm. de diâmetro.  
«Verniz» alaranjado, fino e homogéneo. Pasta ocre, muito fina e dura.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1876.  
Marca de *Cn. ATEIVS*.
  
4. [...]EVHO[...], marca partida à direita e em cima.  
Fragmento de fundo de taça, espessura 6 mm. Ranhura circular de 21 mm. de diâmetro no fundo interno.  
«Verniz» laranja-escuro, fino, de brilho acetinado, com muitas ranhuras circulares na superfície externa. Pasta rosada, fina, com pequenas fendas.  
Proveniente do Castelo, depósito (4). N.º de inv. do Museu: 4418.  
Marca de *EVHODVS*, de *Cn. ATEIVS*, a difusão dos seus produtos parece ter-se iniciado nos começos da nossa era. Já conhecido em Conimbriga, Represas e, talvez, Tróia. O estado de conservação desta marca não permite saber se era bilínea, completa com o nome de *patronus*.

N.º Ordem	Oleiro	Marca	Forma	Oficina	Cronologia	Loc.	Bibliografia
50	L·TETTIVS SAMIA	L·TETTI/SAMIA	Taça	Arezzo	20 a. C.-0	2	D. DIAGO, 1980 c, 13
51	L·TETTIVS SAMIA	L·TETTI/SAMIA	G. 27	»	»	2	D. DIAGO, 1980, c, 14
52	SARIVA L· TETTI	SARIVA/L·TETTI	G. 25 ou 27	»	»	2	N.º 18
53	L·TITIVS THYRSVS	TI·TYRSI	G. 30	»	Início da nossa era	2	D. DIAGO, 1980 c, 16
54	S·TITIVS	S·TI/TIVS (r)	Prato	»	Último quarto do séc. I a. C.	2	N.º 19
55	CHRYSES TVRANNI	CRV[S]/TVR[A]	G. 29	Roma?	Augusto	2	N.º 20
56	M·VALERIVS EVEMERVS	M·VAL/EVEM (r)	G. 17	Arezzo	Anterior a 15/10 a. C.	3	D. DIAGO, 1980 c, 17
57	C·VIBIENVS	C·VBE (p.p.)	—	»	Augusto-Tibério	4	N.º 21
58	A·VIBIVS SCROFOLA	AVIBI/SCROF	Prato	»	Anterior à nossa era	2	D. DIAGO, 1980 c, 2
59	VILLIVS	VILL (p.p.)	—	»	Fins de Augusto-Tibério, Tibério	5	N.º 23
60	VILLIVS	VILLI (p.p.)	—	»	»	2	N.º 22
61	S·VILLIVS NATALIS	S·VINAT	—	»	»	1	A. ALARCÃO, 1971, 35
62	L·VRBANVS	L·VRBA	—	Puzzoles	Augusto	1	A. ALARCÃO, 1971, 33
63	L·VRBANVS	L·VRBA	—	»	«	2	N.º 24
64	VMBRICIVS PHILOGVVS	VMBRIC/PHILOLOGO ou VMBRIC/PHILOLG	G. 27	Arezzo	Augusto	2	D. DIAGO, 1982, 4
65	XANTHVS	XANTHI (p.p.)	Prato	A. ou of. prov.	Augusto-Tibério	4	F. DIAS, 1978, 7
66	Anepígrafa	(Coroa de louros)	G. 27	Roma	Augusto?	2	D. DIAGO, 1982, 5
67	Anepígrafa	(Sandália)	Taça	Itálica	Augusto-Tibério?	4	N.º 25
68	ACVTVS	ACVTVS	Taça	La Graufesenque	Tibério-Nero	8	N.º 26
69	ALBINVS	OFALBIN	—	»	Tibério-Vespasiano	4	C. T. SILVA, 1980-81
70	ALBVS	ALBV[...]	Taça	»	Cláudio-Nero	2	N.º 27
71	CANVS	OFICANI	RITT. 1	»	Tibério-Cláudio	1	D. DIAGO, 1980 a, 44
72	CASTVS	F·CAST	Prato	»	Cláudio-Vespasiano	1	N.º 28
73	CASTVS	OFCAS[...]	Taça	»	»	4	N.º 29
74	DARRA	DARRAF	Taça	»	Cláudio-Nero	4	N.º 30
75	FRONTINVS	OF FRONTINI	D. 15/17	»	Nero-Trajano	4	N.º 31
76	IVCVNDVS	OF IVCVND	—	»	Cláudio-Flávios	4	C. T. SILVA, 1980-81
77	IVCVNDVS	OFIVC[...]	Taça	La Graufesenque	»	8	N.º 32
78	LABIO	OF LABI	D. 27	»	Cláudio-Nero	4	F. DIAS, 1978, 8
79	PAESTOR	PAESTOR	Tijela	»	Cláudio	6	N.º 33
80	PVDENS	OFPUDE	D. 27?	»	Cláudio-Nero	2	N.º 34
81	SENICIO	SENICIO F	D. 24/25?	»	Tibério-c. 60	8	N.º 35
82	SILVANVS	SILVA	Taça	»	Cláudio-Vespasiano	4	F. DIAS, 1978, 9
83	M·VALERIVS	MVALER	—	Gália do Sul?	?	4	F. DIAS, 1978, 6
84	VITALIS	[OF] VITA	Taça	La Graufesenque	Cláudio-Domiciano	2	D. DIAGO, 1980 c, 18
85	Anepígrafa	(Círculos com pontos)	D. 24/25?	Sudgálica	?	2	N.º 36
86	ATTIVS PATERNVS	ATTI·PA[...]	Taça	Trício	2.ª metade do séc. I-princíp. do séc. II	1	D. DIAGO, 1980, 19
87	ATTIVS PATERNVS	ATTI·PA[...]	—	»	»	5	N.º 37
88	CANTABER	[CANT]ÁBRI	Taça	»	»	1	D. DIAGO, 1980 c, 20
89	CANTABER	[CA]NTABRI	D. 27?	»	»	4	F. DIAS, 1978, 10
90	CANTABER	CANTABRI	D. 33	»	»	6	N.º 38
91	FLACCVS	FLACCI-[TR]	D. 15/17	»	»	4	F. DIAS, 1978, 11
92	FLACCVS	[FL]ACCI	D. 27	»	»	3	N.º 39
93	MATERNVS	OF MAT	D. 27?	»	»	4	F. DIAS, 1978, 12
94	QUELID	QUELI·I[...]	D. 27	»	»	4	C. T. SILVA, 1980-81
95	SEMPRONIVS	[OF·SE]MP	—	»	»	4	F. DIAS, 1978, 13
96	TITVS FVLVIVS PATERNVS	OF·TI·FV·PA	D. 15/17	Trício?	»	4	F. DIAS, 1978, 14
97	VALERIVS PATERNVS	[OFVAL]PAT	Prato	Trício	2.ª metade do séc. I-início do séc. II	4	F. DIAS, 1978, 15



N.º Ordem	Oleiro	Marca	Forma	Oficina	Cronologia	Loc.	Bibliografia
1	SEXTVS ANNIVS AFER	[☞]SEX/[☞]ANNI	G. 23	Arezzo	10 a. C.-10 d. C.	1	A. ALARCÃO, 1971, 2
2	SEXTVS ANNIS AFER	SEX. ANNI	Prato	»	»	1	N.º 1
3	CN. ATEIVS	CN·ATE	Taça	»	15/10 a. C.-20 d. C.	1	N.º 2
4	CN. ATEIVS	ATEI (p.p.)	Taça	»	»	1	N.º 3
5	EVHODVS	[...] EVHO [...]	Taça	»	1.ª década da nossa era	4	N.º 4
6	AVILLIVS	AVI	—	»	Augusto-Tibério	1	A. ALARCÃO, 1971
7	P·C·N	P·C·N	Prato	Roma?	Último quarto do séc. I a. C.	2	N.º 5
8	P· CORNILIVS	[...] P·CORNE	Prato	Arezzo	Finais Augusto-Tibério	8	N.º 6
9	EPIGONVS P·CORNELI	EPIGO/[P·C] OR	Prato	»	Augusto	4	F. DIAS, 1978, 2
10	EPIGONVS P·CORNELI	EPIGO/P·COR	Prato	»	»	2	N.º 7
11	MEMOR P· CORNELI	P·CORNE/[☞]MEN	—	»	Finais Augusto-Tibério	1	A. ALARCÃO, 1971, 32
12	PRIMVS P· CORNELI	PRIMVS/P·CORNEL (externa)	Drag. V	»	»	1	A. ALARCÃO, 1971, 41
13	A·CORONCANIVS	A/CORON/CAN	G. 27	Puzzoles	Anterior à nossa era	2	D. DIAGO, 1982, n. 1
14	CRESTVS	CRE[STI]	Prato	Arezzo?	Finais Augusto-Tibério	1	N.º 8
15	C·CRISPINIUS	CRIS/PINI	Prato	Arezzo	10 a. C.-10 d. C.	2	D. DIAGO, 1984 c, 4
16	C·CRISPINIUS	CRIS/PINI	Taça	»	»	2	N.º 9
17	CRISPINI IVCVNDVS	CRISPIN/IVC	Taça	»	»	2	D. DIAGO, 1982, n. 1
18	C·CVRTIVS RVFVS	[C·]CVRTI	—	Itália Central?	Augusto	1	A. ALARCÃO, 1971, 44
19	FAVTVS	FAVS/TVS	—	»	»		A. ALARCÃO, 1971, 19
20	L·GELLIUS	L·GELI	Prato	Arezzo	Augusto-Tibério	4	F. DIAS, 1978, 3
21	HERACLIO	HII/ACLI[O]	G. 27?	Roma	Augusto	2	D. DIAGO, 1982, 1
22	HERMEROS	ERM/EROS	G. 13 ou 18	Roma?	»	1	A. ALARCÃO, 1971, 16
23	P·HERTORIVS	PHERT	—	Arezzo	Último quarto séc. I a. C.	2	N.º 10
24	MAHES	MAHEI	Taça	Roma?	Augusto	2	N.º 11
25	C·ME·VIBIVS	C·ME/VIBIV	Taça	Itália Central	Finais de Augusto-Tibério	8	D. DIAGO, 1980 c, 10
26	C·MEMMIUS	MEMM	G. 13	Arezzo	Augusto-Tibério	2	D. DIAGO, 1980 c, 9
27	C·MEMMIUS	MEMMI	G. 16	»	»	2	N.º 12
28	S·MVRRIUS FESTVS	SEX M:F (p.p.)	—	Luna	Cláudio-Vespasiano	1	A. ALARCÃO, 1971, 20
29	AGATHEMERVS NAEVI	AGA/NÆVI	Taça	Puzzoles	Augusto	4	F. DIAS, 1978, 1
30	L·NOSTIVS	L·NOSTI	Taça	Puzzoles?	»	4	N.º 13
31	C·P·P	C·P·P (p.p.)	—	Pisa?	Cláudio-Vespasiano	1	A. ALARCÃO, 1971, 38
32	C·P·P	C·P·P (p.p.)	Prato	»	»	2	N.º 14
33	M·PERENNIUS	M·P[ERENNI]	—	Arezzo	Augusto-Tibério	4	F. DIAS, 1978, 4
34	SEXTVS PETRONICVS	S·PE (r)	G. 12?	»	Anterior à nossa era	2	D. DIAGO, 1982, n. 1
35	L· et C· PETRONIVS CORIA	L·C·PE[...]/CORI	—	»	Augusto	2	D. DIAGO, 1980 c, 8
36	RASINIVS	RASN	G. 30	»	10 a. C.-15 d. C.	2	D. DIAGO, 1980 c, 11
37	RASINIVS	RAS	Prato	»	»	2	N.º 15
38	RASINIVS	RASINI	Prato	»	»	2	N.º 16
39	CELER RASINI	CELER/RASIN	G. 39c.	»	»	1	A. ALARCÃO, 1971
40	CELER RASINI	CELER/RASIN	—	»	»	4	F. DIAS, 1978, 5
41	L·SAVFEVS GAVSA	L/.../...	—	»	Augusto-Tibério	1	A. ALARCÃO, 1971, 24
42	C·SENTIVS	C·SENTI	Prato	»	»	2	D. DIAGO, 1980 c, 12
43	FELIX SERGI	[FE] LIX/SER[GI]	G. 25 ou 27	Arezzo?	Augusto	2	N.º 17
44	SESTIVS?	S·ES ou SES	Taça	»	»	2	D. DIAGO, 1982, 3
45	HILARIVS A. SESTI DAMAE	HILA[...]/[A]·SEST	Taça	Arezzo	Fins do séc. I a. C.	2	D. DIAGO, 1982, 2
46	HILARIVS A. SESTI DAMAE	HILARI/A·SEST[...](r.)	G. 17	»	Augusto	2	D. DIAGO, 1980 c, 7
47	ANTEROS STATIVS	ANTERO/STATII	—	Arezzo?	12/10 a. C.-12/16 d. C.	2	D. DIAGO, 1980 c, 1
48	SVAVIS STATIVS	SVAVI/STATI	—	»	Augusto-Tibério?	2	D. DIAGO, 1980 c, 15
49	L·TETTIVS SAMIA	L·TETI /SAMIA	—	Arezzo	20 a. C.-0	1	A. ALARCÃO, 1971, 47

5. P.C.N. em cartela rectangular alta (5X13 mm).  
Fragmento de fundo de prato, espessura 5 mm. Com duas ranhuras circulares largas, de 9 e 13 mm de diâmetro no fundo interno. «Verniz» laranja-escuro, fino, de brilho acetinado, superfície externa não invernizada. Pasta rosa-clara, fina.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1861. P(...) C(...) iV(...), O-C 350, talvez oleiro de Poma, produziu no último quartel do séc. I a.C. Surge-nos agora pela primeira vez em Portugal, já tinha aparecido em Elche, Florença, Roma e Tarragona.
  
6. P..CORNE com risco horizontal no lado superior, marca rectangular, muito danificada, partida à direita e em baixo.  
Fragmento de fundo de prato, espessura 6,5 mm.  
«Verniz» alaranjado, manchado, de brilho acetinado, pouco espesso e degradado. Pasta rosa-alaranjada, fina e pulverulenta.  
Proveniente da Azinhaga do Sr. dos Mártires (8). N.º de inv. do Museu: 5295.  
*P.CORNELIVS*, oleiro de Arezzo, datado dos finais de Augusto-Tibério ou Tibério. Largamento difundido em Portugal, já era conhecido em Alcácer através dos seus escravos *EPIGONVS*, *MEMOR* e *PRIMVS*.
  
7. EPIGO/P.COR bilínea, em carteia troncocônica, bilobada à direita e trilobada à esquerda. Deverá ser uma marca accidental, provocada por deficiência de estampilhagem do nome do escravo (8X14,5 mm). Fundo de prato, espessura 6 mm. Fundo interno decorado com uma banda de guiloché muito fino.  
«Verniz» laranja-avermelhado, fino, bem aderente e brilhante. Pasta laranja-rosada, fina e dura.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 4841. *EPIGONVS*, de Arezzo, um dos oleiros mais anígnos de *P.CORNELIVS*, já era conhecido em Alcácer.
  
8. CRE[STI] em carteia bífida, com moldura linear paralela à cartela, partida à direita (alt. 4 mm). Paralelo exacto'em O-C 425, 74, de Vechten.  
Fragmento de fundo de prato, espessura 8 mm. Ranhura circular no fundo interior de 24 mm de diâm.  
«Verniz» alaranjado, degradado, de brilho acetinado, superfície exterior com muitos riscos concêntricos. Pasta rosa-clara, fina e dura, com pequeníssimas fendas.  
Proveniente da Estrada Nacional 5 (7). N.º de inv. do Museu: 4842. *CRESTVS*, itálico, possivelmente de Arezzo, poderá ser oleiro de

vários *patroni*; a sua correda atribuição exigirá um cuidadoso estudo das diferentes marcas. Será datado dos finais de Augusto-Tibério. Com grafia semelhante já apareceu em Conimbriga.

9. CRIS/PINI, bilínea em quadrado quadrilobado.  
Fundo e pé de taça (Est. II), forma G.27. Pé triangular, oblíquo, fundo muito côncavo. Ranhura circular no fundo interno de 19 mm de diâm. Diâmetro do pé 39 mm.  
«Verniz» alaranjado, fino, bem aderente, de brilho baço. Pasta ocre-rosada, muito fina.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu : 5296. *C.CRISPINVS*, de Arezzo, produziu entre 10 a.C. e 10. Já estava atestado em Alcácer, só e com o seu oleiro *IVCVNDVS*.
  
10. PHERT em cartela rectangular alta, decorada em cima e em baixo com triângulos envolvidos por volutas, partida à direita (alt. 12 mm). É possível que não tivesse qualquer outra letra após o T, já que a decoração deverá ser centrada e nota-se o arredondamento do canto inferior direito da cartela.  
Fragmento de fundo, espessura 3,5 mm.  
«Verniz» laranja-avermelhado, fino e homogéneo, de brilho acetinado. Pasta ocre-acinzentada, muita fina, com pequenas fendas  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1870. *P.HERTORIVS* é um dos mais antigos oleiros de Arezzo, datável do último quartel do séc. i a.C. Está largamente atestado na Itália, África do Norte e Espanha, surge agora em Portugal pela primeira vez.
  
11. MAHEI em cartela rectangular (4x7,5 mm). Letras de pequeno relevo.  
Fragmento de fundo de taça, muito côncava, espessura 4,5 mm.  
«Verniz» alaranjado, fino e brilhante. Pasta bege-rosada, dura, com pequenas partículas de calcite muito abundantes e alguns pequenos nódulos ocreos.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1867. *MAH ES* é um oleiro de Roma ou da Itália central, da época de Augusto. Tem larga difusão: Itália, França, Alemanha, Suíça, Espanha (Tarragona e Ampúrias), Corinto. Aparece agora pela primeira vez em Portugal.
  
12. MEMMI em cartela rectangular (6x12,5 mm).  
Fundo de taça (Est. II), forma G.16. Pé fino, triangular. Superfície interna com ranhura circular de 15 mm de diâm. e um ressalto na junção com a parede. Diâmetro do pé 50 mm.

- «Verniz» alaranjado, fino, homogéneo e brilhante. Pasta ocre-amarelada, muito fina e pulverulenta.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1863. *C.MEMMIVS* de Arezzo, período Augusto-Tibério. Já estava atestado em Alcácer.
13. L.NOSTI em cartela rectangular de ângulos muito arredondados, partida à esquerda (alt. 5 mm). Paralelo exacto em O-C 1142, a-Fragmento de fundo de taça, espessura 4 mm.  
«Verniz» laranja-avermelhado, fino e homogéneo, de brilho acetinado, superfície externa com muitas ranhuras em espiral. Pasta bege-amarelada, com abundantes pequenas partículas de calcite. Proveniente do Castelo, depósito (4). N.º de inv. do Museu: 3493. *L.NOSTI VS* é um oleiro itálico pouco conhecido e de difusão muito reduzida; apareceu em Puzzoles, onde talvez ficasse o seu centro de produção.
14. C.P.P. retrógrada, em *planta pedis* à esquerda, partida à direita (5X23 mm).  
Fragmento de fundo de prato muito espesso, esp. 11 mm.  
«Verniz» laranja-avermelhado, pouco aderente, pouco cuidado e de brilho baço, superfície externa não envernizada. Pasta rosa-clara, fina e dura, com muitas fendas.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 5248. *C(...)* *P(...)* *P(...)* é um oleiro talvez de Pisa, do período Cláudio-Vespasiano. Já tinha aparecido em Alcácer.
15. RAS em cartela rectangular, partida no canto superior direito (5X9 mm).  
Fragmento de fundo de prato. Superfície interna com ranhura de 45 mm de diâm.  
«Verniz» laranja-acastanhado, manchado, fino, de brilho acetinado, com muitas ranhuras circulares no fundo externo. Pasta bege-amarelada, muito fina.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1864. *RASINIVS* de Arezzo, deve ter começado a produzir por volta de 10 a.C. e terminado por volta de 20. Já tinha surgido em Alcácer.
16. RASINI em cartela rectangular alta, com moldura em espinha (7X14 mm).  
Fragmento de fundo de prato, espessura 5 mm.  
«Verniz» laranja-acastanhado, fino, de brilho acetinado; fundo externo não envernizado. Pasta bege-rosada, muito, fina.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1860.  
Marca de *RASINIVS*.

17. [FE]LIX / SER[GI] bilinea, em cartela circular, parcialmente mal impressa e partida na parte inferior direita (diâm. 11 mm). O-C 1750, com paralelo exacto.  
Fundo de taça (Est. II), forma G.25 ou 27. Pé triangular, superfície interna com ranhura de 14 mm de diâm. Diâmetro do pé 38 mm. «Verniz» alaranjado, fino, de brilho baço. Pasta ocre-rosada, com muitas pequenas partículas de calcite.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1869. *FELIX*, oleiro de *SERGI VS*, possivelmente de Arezzo e da época de Augusto. As marcas conhecidas mostram uma dispersão na Itália e em Espanha (Ampúrias e Tarragona).
18. SARIVA / L.TETTI bilinea em cartela rectangular (6X11 mm). Último A em nexa com o V e de muito pequeno relevo.  
Fundo de taça (Est. II), forma G.25 ou 27. Pé triangular, superfície interna com duas ranhuras concêntricas, de 28 e 30 mm de diâm. Diâmetro do pé 44 mm.  
«Verniz» alaranjado, fino, de brilho acetinado. Pasta ocre, dura, muito fina.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1880. *SARIVA*, oleiro de *L.TETTIVS SAMIA*, de Arezzo, datado dos últimos 20 anos do séc. i a.C. Representado na Espanha, França Itália e Grécia, é a primeira vez que aparece em território português. *L. TETTIVS SAMIA* já se encontrava bem atestado em Alcácer.
19. S.TI/TIVS, marca radial, bilinea, em cartela rectangular (5,5x5 mm). Letras formadas por pontos, V fechado por deficiente estampilhagem, dando a impressão de ser um O.  
Fundo de pequeno prato (Est. II). Pé em cabeça de martelo, superfície interna decorada com uma banda de guiloché. Diâmetro do pé 72 mm.  
«Verniz» laranja-avermelhado, fino, de brilho acetinado. Pasta ocre-rosada, fina e branda.  
Proveniente do Castelo, lado poente [2]. N.º de inv. do Museu: 1865. *S. TITIVS*, de Arezzo, datável do último quartel do séc. I a.C. Surge pela 1.ª vez em Portugal, está atestado na Itália e em Espanha (Ampúrias).
20. CRV[S]TVR[A] em cartela rectangular, bilinea, separada por um traço, partido à direita (alt. 8 mm). Paralelo exacto em O-C 2200, b. Fragmento de fundo de pequena taça, forma G.29. Espessura do fundo 2,5 mm. Ranhura circular interna de 30 mm de diâmetro.  
«Verniz» alaranjado, fino e homogéneo, de brilho acetinado. Pasta ocre-rosada, fina, de aspecto micro-granuloso.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1879.

*CHRYSES*, oleiro de *C. VALERI VS TVRANNIVS*, é pouco conhecido; a maioria das suas marcas apareceu em Roma, de onde talvez seja originário. Deverá ser datado da época de Augusto. Marcas semelhantes às de Alcácer apareceram em Roma e Cartago.

21. G.YBE em *planta pedis* à direita, partida à esquerda (alt. 5 mm).  
Fragmento de fundo.  
«Verniz» laranja-avermelhado, homogéneo, de brilho baço. Pasta rosa-clara, fina e dura.  
Proveniente do Castelo, depósito (4) N.º de inv. do Museu: 3489.  
*C. VIRIENVVS*, de Arezzo, período Augusto-Tibério. Em Portugal já tinha sido encontrada em Balsa e nas Represas.
22. VILLI em *planta pedis*, talvez à direita, partida em ambos os lados (alt. 5,5 mm).  
Fragmento de fundo, espessura 5 mm.  
«Verniz» vermelho-acastanhado, fino e pouco aderente, de brilho acetinado. Pasta bege-amarelada, muito fina.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1532.  
*SEX. VILLIVS NATALIS*, oleiro de Arezzo, dos finais de Augusto-Tibério, já tinha sido encontrado em Alcácer.
23. VILL em *planta pedis* à direita, partida à direita (alt. 4,5 mm),  
Fragmento de fundo, espessura 6 mm.  
«Verniz» alaranjado, de brilho acetinado, pouco aderente e degradado. Pasta rosa-clara, fina e dura, com algumas pequenas fendas.  
Proveniente do Castelo, açougues (5). N.º de inv. do Museu: 1013.  
Marca de *SEX. VILLIVS NATALIS*.
24. L. VRBA em cartela rectangular alta, de ângulos arredondados e moldura de pontos (5x10,5 mm).  
Fragmento de fundo, espessura 5 mm.  
«Verniz» alaranjado, fino e brilhante, Pasta bege-rosada, fina e dura, com algumas pequenas fendas.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1868.  
*L. VRRANVS*, de Puzzoles, da época de Augusto, surge pela 2.<sup>a</sup> vez em Alcácer, único local onde, até ao momento, se encontra atestado em Portugal.
25. Marca anepígrafa: sandália voltada à direita (4,5x15 mm).  
Fragmento de fundo de taça, espessura 4 mm.  
«Verniz» alaranjado, fino e homogéneo, de brilho acetinado, abundantes pequenas ranhuras em espiral na superfície externa. Pasta ocre-amarelada, compacta, de aspecto micro-granuloso.

Proveniente do Castelo, depósito (4). N.º de inv. do Museu: 3492. Trata-se de uma marca itálica, para a qual não encontramos paralelo. A sua datação deverá ser finais de Augusto-Tibério.

26. *ACYTVS* em cartela rectangular de ângulos muito arredondados (3X15,5 mm).  
 Fragmento de fundo e pé de pequena taça. Pé triangular de larga base de sustentação, ranhura circular no fundo interno de 15 mm. de diâm. Diâmetro do pé 36 mm.  
 «Verniz» laranja-avermelhado, fino e homogéneo, de brilho baço. Pasta laranja-acastanhada, compacta, fina e dura, com pequenas partículas de calcite.  
 Proveniente da Azinhaga do Sr. dos Mártires (8). N.º de inv. do Museu: 5297.  
*ACVTVS*, tido como um dos oleiros mais antigos de Montans, foi integrado, através de análises de pastas, por C. BÉMONT (p. 15), entre os produtores de La Graufesenque, o que convém a Alcácer. É datável de Tibério-Nero. Em Portugal já tinha surgido nas Represas e em Torre de Palma.
27. *ALBV*[...] em cartela rectangular de ângulos arredondados, partida à direita e em baixo.  
 Fragmento de fundo de taça, espessura 3 mm.  
 «Verniz» alaranjado, fino e brilhante. Pasta rosa-alaranjada, muito fina.  
 Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu : 4882. *ALBVS* é um oleiro de La Graufesenque, do período Cláudio-Nero. Em Portugal já tinha sido encontrado na Egitânia e nas Represas.
28. *F. CAST* em cartela rectangular (3x15 mm).  
 Fundo e pé de prato (Est. II). Pé triangular, ranhura circular no fundo interno, de 54 mm de diâm. Diâmetro do pé 74 mm.  
 «Verniz» vermelho-vinoso, homogéneo, de brilho baço. Pasta rosada, dura, com pequenas partículas de calcite.  
 Proveniência desconhecida (1). N.º de inv. do Museu: 643.  
*CASTVS*, de La Graufesenque, do período Cláudio-Vespasiano, tem larga difusão em Portugal: já foi encontrado no Castro de Fiães da Feira, Marim, Monte Molião, Represas, Egitânia e Beja.
29. *OFCAS*[...] em cartela rectangular de ângulos arredondados, partida à direita (alt. 2,2 mm). O mal impresso.  
 Fragmento de fundo de taça, espessura 5 mm. Ranhura larga de 13 mm de diâm. na superfície interna.  
 «Verniz» laranja-avermelhado, homogéneo e brilhante. Pasta

- amarelada, dura, com partículas de calcite muito abundantes. Proveniente do Castelo, depósito (4). N.º de inv. do Museu: 3490. Marca do oleiro *CASTVS*.
30. DARRAF em carteia rectangular de ângulos muito arredondados (4X17 mm).  
Fragmento de fundo de taça, espessura 5,5 mm. Ranhura larga na superfície interna, de 11 m. de diâm.  
«Verniz» laranja-avermelhado, brilhante e pouco aderente. Pasta rosa-clara, dura e fina.  
Proveniente do Castelo, depósito (4). N.º de inv. do Museu: 3494. *DARRA* é um oleiro de La Graufesenque, do período Cláudio-Nero. É a primeira vez que é atestado em território português.
31. OF FRONTINI em cartela rectangular de ângulos arredondados, partida à direita (alt. 4,5 mm). F inicial inscrito no O, I final muito ténue.  
Fragmento de fundo e pé de prato (Est. II), forma Dragendorff 15/17. Pé espesso, oblíquo. Fundo côncavo, com uma ranhura circular de 64 mm. de diâm. Diâmetro do pé 87 mm.  
«Verniz» laranja-avermelhado, espesso, um pouco estalado, de brilho baço. Pasta rosa-acastanhada, clara, com abundantes partículas de calcite e algumas fendas.  
Proveniente do Castelo, depósito (4). N.º de inv. do Museu: 3487. *FRONTIN VS*, oleiro de La Graufesenque, do período Nero-Trajano. Em Portugal já se encontrava atestado em Conimbriga e Portalegre.
32. [...]OFIVÇ[...] em cartela rectangular, partida à direita e à esquerda (alt. 3,5 mm).  
Fragmento de fundo de pequena taça, espessura 3 mm.  
«Verniz» alaranjado, fino e homogéneo. Pasta laranja-clara, dura, com pequenas partículas de calcite.  
Proveniente da Azinhaga do Sr. dos Mártires (8). N.º de inv. do Museu: 4883.  
*IVCVNDVS*, de La Graufesenque, período Tibério-Flávios. Já tinha surgido em Alcácer.
33. PAESTOR em cartela rectangular com os ângulos muito arredondados (3X16 mm). P mal impresso, R de menor relevo do que as outras letras.  
Fragmento de fundo de tigela. Marca impressa sobre uma larga ranhura de 13 mm de diâmetro.  
«Verniz» laranja-avermelhado, de brilho baço. Pasta rosa-alaranjada, fina e compacta.



Proveniente da zona de São Francisco (6). N.º de inv. do Museu: 637. *PAESTOR* é um oleiro pouco conhecido de La Graufesenque, datado de Cláudio. Já foi encontrado na Alemanha e na França, é a primeira vez que aparece em Portugal.

34. OFPVDE em cartela rectangular de ângulos arredondados (4x18 mm).  
Fundo e pé de taça (Est. II), talvez uma forma Dragendorff 27. Pé alto, triangular, com um chanfro sob a carena. Pequeníssima espessura do fundo. Diâmetro do pé 52 mm.  
«Verniz» avermelhado, pouco cuidado e brilhante. Pasta rosa-escura, dura, com raras calcites grandes.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu : 1871. *PVDENS*, de La Graufesenque, datável de Cláudio a c. 75/85. Surge pela 1.ª vez em Alcácer, após já estar atestado em Braga.
35. SENICIOF em cartela rectangular de ângulos arredondados, partida à direita em baixo (3x16,5 mm).  
Fragmento de fundo e pé de pequena taça (Est. II), talvez forma Dragendorff 24/25. Pé espesso, triangular. Ranhura circular no fundo interno de 14 mm de diâm. Diâmetro do pé 41 mm. Tem uma estrela de riscos cruzados, esgrafitada no fundo externo.  
«Verniz» laranja-avermelhado, de brilho acetinado, pouco espesso e degradado. Pasta alaranjada, branda, com abundantes calcites. Proveniente da Azinhaga do Sr. dos Mártires (8). N.º de inv. do Museu: 5298.  
*SENICIO*, de La Graufesenque, datável de Tibério até c. de 60, aparece agora pela 1.ª vez em Portugal.
36. Marca aparentemente anepígrafa, formada por círculos unidos, com um ponto central em cada círculo, em cartela rectangular, partida num dos lados (alt. 3 mm).  
Fragmento de fundo e pé de pequena tigela, possivelmente uma forma Dragendorff 24/25. Pé largo, quase rectangular, pequeno, bifacetado na face externa. Diâmetro do pé 53 mm.  
«Verniz» vermelho-alaranjado, homogéneo, de brilho acetinado. Pasta rosada, fina e dura, com algumas partículas de calcite visíveis.  
Proveniente do Castelo, lado poente (2). N.º de inv. do Museu: 1866. Trata-se de uma marca sudgálica, para a qual não encontramos paralelo.
37. ATTL.Paf.] em cartela rectangular de ângulos arredondados, partida à direita (alt. 3 mm). A sem traço horizontal.  
Fragmento de fundo, espessura 4,5 mm.

- «Verniz» laranja-avermelhado, homogéneo e brilhante. Pasta rosa-acastanhada, dura, com abundantes calcites.  
Proveniente do Castelo, açougues (5). N.º de inv. do Museu: 1014.  
*ATTIVS PATERNVS*, oleiro hispânico, de Tricio, datável da 2.<sup>a</sup> metade do séc. i, inícios do n. Já se encontrava atestado em Alcácer.
38. CANTABRI em cartela rectangular (4x23 mm). Letras de alto relevo, A sem traço horizontal.  
Fragmento de fundo, e pé de taça (Est. II), forma Dragendorf 33. Pé espesso, oblíquo, de larga superfície de sustentação. Superfície interna com uma ranhura circular de 23 mm de diâm., ressaltado interno e chanfro externo na junção da parede com o fundo. Diâmetro do pé: 42 mm. Tem um grafito «MS» gravado no fundo interno.  
«Verniz» alaranjado, homogéneo e brilhante. Pasta rosada, dura, com muitas calcites.  
Proveniente da zona de São Francisco (6). N.º de inv. do Museu: 4878.  
*CANTABER*, oleiro de Tricio, da 2.<sup>a</sup> metade do séc. I, inícios do II. Já se encontrava atestado em Alcácer.
39. [FLJACCI em cartela rectangular, partida à direita (alt. 3,5 mm).  
A sem traço horizontal.  
Fragmento de fundo e pé de taça (Est. II), forma Dragendorf 27. Pé alto, triangular, a tender para o arqueado, superfície interna com ranhura de 28 mm de diâm. Diâmetro do pé 38 mm.  
«Verniz» alaranjado, espesso e homogéneo. Pasta rosa-acastanhada, branda, com muitas calcites.  
Proveniente do Castelo, encosta sul (3). N.º de inv. do Museu: 1153.  
*FLACCVS*, oleiro de Tricio, datável da 2.<sup>a</sup> metade do séc. I, inícios do II. Já se encontrava atestado em Alcácer.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. MOUTINHO, 1971, *Terra sigillata itálica em Portugal*, in «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», Coimbra, p. 421-432.  
ALARCÃO, J., 1983, *Portugal romano*, Lisboa, 3.<sup>a</sup> ed.  
BÉMONT, Colette, 1975, *Recherches méthodologiques sur la céramique sigillée de Glanum*, Roma.  
DELGADO, Manuela, MAYET, Françoise e ALARCÃO, A. Moutinho, 1975 *Fouilles de Conimbriga — IV: Les Sigillées*, Paris.

- DELGADO, Manuela, Luciano dos SANTOS, 1984, *Marcas de oficinas de sigillata encontradas em Braga. I*, «Cadernos de Arqueologia», vol. 1 s. II, Braga, p. 49-70.
- DIAS, Luisa Ferrer, 1978, *As marcas de «terra sigillata» do castelo de Alcácer do Sal*, «Setúbal Arqueológica», vol. IV, Setúbal, p. 145-154.
- DIOGO, A. M. Dias, 1980a, *Marcas de terra sigillata sudgália em Portugal*, Lisboa.
- DIOGO, A. M. Dias, 1980b, *Marcas de terra sigillata itálica em Portugal*, Lisboa.
- DIOGO, A. M. Dias, 1980c, *Cerâmica romana de Alcácer do Sal — I*, Lisboa.
- DIOGO, A. M. Dias, 1982, *Mais algumas marcas de terra sigillata itálica de Alcácer do Sal*, «Arqueologia», 6, Porto, p. 82-86.
- DIOGO, A. M. Dias, 1984, *Noções operatórias sobre «terra sigillata» itálica e sudgália em Portugal. Alguns aspectos*, «Revista de História Económica e Social», 14, Lisboa, p. 49-65.
- GODINEAU, C., 1968, *La céramique arétine lisse*, Paris.
- LOMBARD, Yvan, 1978, *Catalogues des collections archéologiques de Besançon, VI — La céramique sigillée. I — Signatures*, Paris.
- MAY ET, Françoise, 1978, *Les importations de sigillées à Mérida au 1er siècle de notre ère. (Sigillées italiennes et gauloises)*, «Conimbriga», XVII, p. 80-100.
- MAYET, Françoise, 1984, *Les céramiques sigillées hispaniques*, Paris.
- OLEIRO, J. M. Bairrao, 1951, *Elementos para o estudo da terra sigillata em Portugal. I — Marcas de oleiro encontradas no País*, «Revista de Guimarães», LXI, Guimarães, p. 81-111.
- OSWALD, F., e T. D. PRYCE, 1920, *An introduction to the study of terra sigillata treated from a chronological standpoint*, Londres.
- OXÉ, A., COMFORT, H., 1968, *Corpus Vasorum Arretinorum*, Bona (= O—C).
- SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina, BEIRÃO, Caetano de Mello, DIAS, Luisa Ferrer e SOARES, Antonia Coelho, 1980-81, *Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979)*, «Setúbal Arqueológica», vol. VI-VII, Setúbal, p. 149-218.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

EST. II

